

Poesia em movimento: entrelaçamento entre voz e tecnologia em *Delusion* de Laurie Anderson

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

Wânia Mara Agostini Storolli

Universidade de São Paulo - FAPESP – waniast@gmail.com

Resumo: Este estudo discorre sobre o papel fundamental que os recursos tecnológicos em interação com os recursos vocais e a exploração da linguagem exercem no processo criativo da performer Laurie Anderson. Como exemplo, o estudo relata sobre um dos últimos trabalhos da artista - *Delusion*. Baseando-se na apreciação desta performance ao vivo, apresentada em Madrid em 2011, e no conceito de *personare*, observa-se como o processamento da voz em tempo real é estratégia determinante para a configuração desta performance multimídia, ao possibilitar o desdobramento da voz em outra e assim o surgimento de outra personagem.

Palavras-chave: *Delusion*. Laurie Anderson. Voz. Tecnologia.

Poetry in Motion: Interweaving of Voice and Technology in Laurie Anderson's *Delusion*

Abstract: This paper discusses the key role that technological resources in interaction with vocal resources and exploration of language play in Laurie Anderson's creative process. As an example the study reports on one of the last works of this artist - *Delusion*. Based on an appreciation of this live performance, presented in Madrid in 2011, and on the concept of *personare*, it is observed that real time voice processing is a determining strategy for the configuration of this multimedia performance, once it enables the unfolding of the voice in another and so the rise of another character.

Keywords: *Delusion*. Laurie Anderson. Voice. Technology.

1. Voz e tecnologia no processo criativo de Laurie Anderson

Os recursos tecnológicos constituem parte importante dos processos de criação contemporâneos, fato que pode também ser observado no fazer artístico que envolve a voz. Especialmente a partir das últimas décadas do século XX, o entrelaçamento entre voz e tecnologia tem cooperado para uma transformação significativa das manifestações artísticas que trazem a voz como um de seus elementos estruturantes, oferecendo novas possibilidades. As relações que se estabelecem têm influência direta na configuração das performances, que se realizam muitas vezes como um evento multimídia. A influência dos recursos tecnológicos faz-se sentir também nas diferentes possibilidades de emissão vocal e na consolidação de novas formas artísticas, fundamentadas nas relações entre voz e tecnologia. Nas performances ao vivo, o uso da amplificação, de trilhas sonoras pré-gravadas e também do processamento do som e especificamente da voz em tempo real durante as performances, são fatores que influenciam tanto a performance vocal como a performance como um todo. O processamento da voz em tempo real é, por exemplo, estratégia que vem sendo há algum tempo utilizada pela

performer Laurie Anderson (1947), artista que tem desenvolvido sua obra em estreita relação com os recursos tecnológicos.

Assim como a exploração dos recursos vocais revela uma singularidade característica, resultante das possibilidades individuais de cada voz, também o uso da tecnologia e a mixagem de mídias e relação destas com os recursos vocais conduzem ao desenvolvimento de soluções e formas originais. As performances multimídia de Laurie Anderson são exemplos de como esta artista consegue integrar voz e tecnologia em seu processo criativo de forma absolutamente única, consolidando uma obra singular. Desde o início, sua trajetória artística caracteriza-se pelo uso de diversas mídias e inovações tecnológicas na realização de performances *high-tech*. Desenvolvendo toda sua obra em estreita relação com a tecnologia contemporânea, a artista adentra os territórios da música, da performance, da instalação e do cinema, numa orquestração simultânea das diversas mídias. Como observa Goldberg (2000), Laurie Anderson faz parte de uma geração de artistas que se expandiu de forma significativa nos Estados Unidos na década de 70. Uma geração, que contestava o sentido da arte, procurando também formas de levar esta polêmica para além do confinamento das galerias de arte e salas de concerto. Goldberg relata sobre a característica multidisciplinar desta categoria de artistas, entre os quais figura a americana Laurie Anderson:

Eles encontravam locais alternativos para seu trabalho, gravavam sua própria música, e faziam arte especialmente desenhada como veículo para seus talentos variados. Estes artistas simplesmente não podiam pensar em termos de uma disciplina por vez. Em vez disso, seus impulsos criativos tomavam forma visual, auditiva e espacial, e seu pensamento multidimensional resultava em obras notáveis que tocavam todos os sentidos. Tinham a disciplina, controle e ímpeto para manter todas as mídias trabalhando simultaneamente (...) (GOLDBERG, 2000: 13).

O desejo de realizar uma forma de arte que possa afetar a percepção na sua totalidade, envolvendo o espaço com experiências auditivas e visuais, está presente na trajetória de muitos artistas desta época e, em especial, na de Laurie Anderson. Em muitas de suas obras, esta artista multimídia tem a voz como elemento condutor de seu processo criativo, em torno da qual se constrói a performance. Laurie Anderson procede a um resgate da palavra e seu significado semântico, atualizando o uso do texto e da narrativa de uma forma bastante contemporânea. Trata-se muitas vezes de uma narrativa fragmentada, que é realizada através de um processo de colagens de textos. A artista define-se como *storyteller*, uma contadora de histórias. No entanto, ao contar suas histórias, mixando o cotidiano e o mítico, incluindo reflexões de ordem pessoal e política, faz uso de um imenso aparato tecnológico. A tecnologia representa para a artista uma ferramenta capaz de despertar a magia

do momento da performance, algo equivalente ao que o fogo representava em tempos remotos, como a própria artista observa. Segundo Laurie Anderson, “as pessoas têm contado histórias de milhões de maneiras. Primeiro era sentando-se ao redor do fogo, sem gravador. Porém, o fogo é mágico, assim também a tecnologia” (ZURBRUGG, 2004: 26). Mas a artista não considera o uso dos recursos tecnológicos como o elemento mais importante de seu fazer artístico. A introdução da tecnologia dá apenas origem a uma outra forma de contar histórias. Em entrevista a Zurbrugg, Laurie Anderson afirma que usa a tecnologia “como um meio de amplificar ou mudar as coisas” (ZURBRUGG, 2004: 28). Um recurso frequentemente utilizado por Laurie Anderson é a alteração da própria voz, uma prática, que segundo ela própria, sempre foi comum entre os contadores de história. A tecnologia seria apenas uma forma diferente de fazer isto. “Nem melhor e nem pior – é realmente apenas uma ferramenta”, afirma a performer (ZURBRUGG, 2004: 28).

Os recursos tecnológicos utilizados por Laurie Anderson ampliam a possibilidade performativa da voz, desdobrando-a em outras. A tecnologia traz assim possibilidades diferenciadas, porém também algumas questões de ordem prática, pois como Laurie Anderson observa, cada nova invenção demanda um trabalho minucioso e muito tempo de experimentação para poder ser assimilada e utilizada a contento a serviço do artista (DUCKWORTH, 1999: 382). Sem receio de fazer uso da tecnologia, Laurie Anderson a incorporou desde o início de sua trajetória artística. Autodidata, inventa “novos usos para equipamentos antigos ao desmontar objetos eletrônicos baratos, encontrados em lojas de segunda-mão (...), e reajuntar as peças para seus próprios objetivos não usuais” (GOLDBERG, 2000: 14).

Para Goldberg, no entanto, o verdadeiro veículo para a arte de Laurie Anderson seria a própria linguagem, manipulada de muitas formas:

Palavras e sentenças são cortadas, emendadas, direcionadas eletronicamente através de vocoders, tocadas de trás para frente no tape, projetadas em telas, faladas e cantadas; são preenchidas com significados e esvaziadas destes com a regularidade das ondas quebrando na praia (GOLDBERG, 2000: 16).

Para Laurie Anderson, o uso da voz se dá além das palavras. “Tem-se muito mais informação através da voz”, afirma a artista (ANDERSON apud GOLDBERG, 2000: 18). Os diversos matizes que a voz pode assumir, suas inúmeras possibilidades de emissão e diversidade de timbres, entonações e dinâmicas diferenciadas e outras informações das quais a voz é portadora, tais como emoções, sentimentos e estados, tanto físicos como psicológicos,

de quem a emite, colocam a voz como uma fonte inesgotável a ser explorada no âmbito dos processos criativos, ultrapassando o fato de ser veículo para as palavras. A voz molda-se eventualmente em palavra, porém não serve apenas como veículo para seu significado semântico. Segundo Kolesch, “na diversidade de suas formas de existência e atuação as vozes fogem a uma definição universal, elas transportam não apenas os significados da língua, mas geram mundos de percepção, experiência e interação” (KOLESCH, 2009: 9). A voz carrega consigo afetos, emoções, sensações, percepções. A voz carrega sentido e significado e “pode mostrar algo, que a fala silencia ou não consegue traduzir em palavras” (KOLESCH, 2009: 16). Além do que diz, a voz revela-se através do como diz. Ao mesmo tempo em que é marca indiscutível da individualidade, afirmando seu caráter único, uma mesma voz pode também se desdobrar em muitas outras, por assim dizer, em várias *personas*. Embora a palavra *persona* nos remeta a uma essência única e singular, na sua origem o termo identificava uma forma de personificar um determinado papel. Kolesch nos lembra de que no teatro grego da antiguidade, *personare* significava o soar da voz através da máscara que cobria o rosto do ator, implicava portanto uma figura que representa um papel, “que na fala se articula e personifica” (KOLESCH, 2003: 270). Ainda que a voz nos lembre de uma identidade singular, é também através dela que se pode construir outras *personas*. Böhme enfatiza o fato de que “cada voz possui um caráter e como cantor ou ator pode-se através da entonação emprestar um caráter diferente à sua voz” (BÖHME, 2009: 28). Desta forma, a voz pode se desdobrar em outras, gerando diferentes personagens. Esta característica está na base do processo criativo de Laurie Anderson. A artista sugere, que existe uma enorme gama de vozes, da qual todos dispõem: “a voz para chamar um táxi, a voz ao telefone, a voz da autoridade (geralmente masculina)” (GOLDBERG, 2000: 18).

A invenção de novas vozes através dos recursos tecnológicos teve início como uma necessidade para Laurie Anderson, inicialmente em 1981 por ocasião de sua atuação em performances com William Burroughs e John Giorno, representantes da poesia *beat* americana, que privilegiavam leituras ao vivo. “O machismo em torno de Burroughs era espesso e este filtro (que deixa mais grave a altura da voz para soar como um homem) era minha arma, minha defesa”, diz Anderson (GOLDBERG, 2000: 18). Laurie Anderson passou a desenvolver “máscaras sonoras”. Suas vozes criadas são mixadas com sua voz natural, com o som de seu violino, música eletrônica, canto, sussurro, formas de emissão típicas do *yodeln*, etc. Segundo Goldberg, esta estratégia também tem resultado numa forma original de trabalhar com a linguagem. As palavras passaram a ser performadas. Este processo foi estimulado tanto pelo trabalho de seus amigos poetas, que faziam uso da palavra falada, como

pela arte cerebral dos anos 70, no contexto da qual a “investigação das palavras era um material artístico essencial” (GOLDBERG, 2000: 18).

Além de ter a voz e suas possibilidades como elemento fundamental em seu processo criativo, a reflexão sobre a tecnologia surge como outro aspecto determinante em sua obra. Em 1983, em sua performance *United States*, Laurie Anderson inaugurou uma forma extraordinária de usar a tecnologia compondo uma obra gigantesca, ao analisar o papel da onipresença da tecnologia na cultura americana e o efeito das diversas mídias sobre a vida cultural e política de seu país. Segundo Goldberg, a performance tornou-se um “evento de significância histórica” (GOLDBERG, 2000: 11), por aglutinar diversas linguagens numa obra com duração total de oito horas, apresentada inicialmente em duas noites. Na performance, além de empregar a voz eletronicamente manipulada, realizando textos e canções, Laurie Anderson faz uso de filme, projeção de slides, fotomontagens, colagens de textos e imagens, pinturas projetadas sobre as quais cria figuras de sombras com as mãos e outras partes do corpo, instrumentos originais, violino, tapes pré-gravados, eco digital, etc. A artista projeta milhares de imagens atrás de si própria, numa exuberante orquestração multimídia dos inúmeros recursos utilizados. No programa de estréia em 1983, ocorrida na *Brooklyn Academy of Music (BAM)*, em New York, Laurie Anderson declara: “Quando comecei a escrever *United States*, pensava na peça como um retrato de um país. Gradualmente percebi que era realmente a descrição de uma sociedade tecnológica e das tentativas das pessoas de viver em um mundo eletrônico” (ANDERSON, 2012). *United States*, embora sendo uma obra de vanguarda, conferiu fama e reconhecimento a Laurie Anderson, inclusive fora dos circuitos da arte contemporânea. *O Superman*, uma das canções presentes em *United States* de cunho minimalista, tornou-se um inesperado *hit pop*, o que de alguma forma significa uma contradição, já que historicamente vanguardas tendem a não se alinhar à corrente comercial. Mas, não apenas esta canção, senão a performance como um todo foi colocada disponível para as audiências, realizando o objetivo de Laurie Anderson de se comunicar com estas. Segundo Goldberg: “Foi este feito de cruzar a obscuridade da vanguarda para o que se chama de corrente dominante, sem comprometer suas ideias ou integridade estética, que indelevelmente estabeleu *United States* nos anais da história da arte” (GOLDBERG, 2000: 11). Nesta performance, a artista multimídia explora de forma importante o processamento da voz em tempo real, alterando sua própria voz através de um vocoder. A voz grave masculina, criada através deste recurso, tem acompanhado sua trajetória artística, passando a integrar outras performances, estando presente em um de seus últimos trabalhos, *Delusion* (2010), em que tal voz performa seu alter ego.

2. *Delusion*: poesia em movimento

Delusion de Laurie Anderson é uma performance multimídia, comissionada em 2010 pela *Vancouver 2010 Cultural Olympiad* e apresentada posteriormente em diversos países, tais como Estados Unidos, França, Inglaterra, Alemanha, Noruega, Holanda, Israel, Grécia, Portugal e Espanha. Em 2011, a performance foi apresentada por ocasião do *XXVIII Festival de Otoño en Primavera* na *Sala Roja de los Teatros del Canal*, em Madrid. Em *Delusion*, a performer estabelece uma conversa entre sua voz natural amplificada e sua voz alterada eletronicamente durante a própria performance e convertida em uma voz grave masculina, algo distorcida. Sua voz desdobra-se assim em duas personagens principais. A performance, uma espécie de reflexão de Laurie Anderson sobre a vida, a linguagem, a memória e a identidade, traz vinte histórias. Entre as muitas desilusões, como lidar com o fato de ter a batalha já perdida frente a morte, é uma das que movem Laurie Anderson. Os últimos dias de sua mãe e a reação da performer a este fato em seus sonhos compõem uma das linhas narrativas. As palavras e histórias criam um mundo mágico, através da colagem com imagens, luzes e sons eletrônicos.

Laurie Anderson define *Delusion* como “uma meditação sobre a vida e a linguagem” (ANDERSON, 2011). No programa da performance apresentada em Madrid é a própria artista que relata:

Concebida como uma série de obras curtas de mistério, *Delusion* alterna-se entre cotidiano e mito. A voz alterada eletronicamente, que utilizei durante muitos anos, a convertendo em uma voz masculina, foi gradualmente evoluindo para uma voz mais matizada, denominada agora de *Fenway Bergamot*. Escrevi *Delusion* como uma conversa entre esta voz e a minha própria.

As histórias de *Delusion* vem de muitos mundos: o tecnológico, o científico, o pessoal, o mitológico e os dos vários estados de consciência, dos sonhos e da meditação. A temática abarca desde as origens místicas do programa espacial russo a teorias sobre tempo e velocidade, os antepassados, o controle, o silêncio e os animais.

Delusion está baseada na crença de que palavras e histórias podem criar um mundo e ao mesmo tempo fazê-lo desaparecer (ANDERSON, 2011).

Nesta performance intimista e melancólica, Laurie Anderson também toca violino e faz uso de um sintetizador. Aqui seu alter ego, representado pela voz masculina, ganha uma dimensão mais profunda, como observa Swed:

Além de criar um suave terreno para a narração, a música aqui, como muitas vezes, assume o lugar da conversa. Há momentos em que Anderson não parece ser capaz

de continuar a falar e somente o violino pode continuar o caminho. O vídeo, como um palco envolto em chuva, oferece uma música visual.

Anderson pode, é claro, ser ainda irônica e divertida. Surge Fenway Bergamot, seu alter ego masculino e bajulador, criado ao deixar sua voz mais grave através da eletrônica. Mas até mesmo o velho Fenway parece ter desenvolvido um pouco de vida interior (SWED, 2010).

Em *Delusion* Laurie Anderson pergunta-se quais seriam as últimas palavras que pronunciamos nesta vida antes de nos transformarmos em pó: “What are the last things you say in your life before you turn to dirt?” (ANDERSON, 2011). O cenário de *Delusion* tem um sofá coberto por um lençol, sobre o qual Laurie Anderson se senta algumas vezes. O sofá também funciona como uma das quatro telas utilizadas para as projeções de imagens e filmes, mas sua aparência desolada completa a sensação de um lugar que deixou de ser habitado, uma forma que expressa claramente a desolação da impermanência, um dos temas principais desta performance. *Delusion* é poesia no espaço, poesia em movimento, poesia audio-visual, na qual Laurie Anderson desfila suas histórias e suas vozes com o auxílio de um imenso aparato tecnológico.

Em seu processo criativo, Laurie Anderson “vai além do mero uso de sintetizadores e outros instrumentos eletrônicos: ela se transforma em um (...)” (CUMMINGS, 1984: 252). O vocoder, dispositivo que modula eletronicamente a voz falada ou cantada, é seu grande aliado, provocando distorções vocais, que repetidas tornam-se reconhecíveis como personagens. Desta forma, segundo Cummings: “Diálogos ocorrem. A tecnologia é humanizada” (CUMMINGS, 1984: 252).

3. Considerações Finais

No fazer artístico contemporâneo, a tecnologia pode muitas vezes ser compreendida como um meio que relativiza as fronteiras entre as diversas linguagens, pois tais recursos e o conseqüente surgimento de novas mídias, permitem e estimulam a convivência de múltiplas linguagens, borrando seus limites. Da mesma forma, os recursos vocais podem operar transitando entre as diversas linguagens e colocar em questão a fragilidade de seus limites. Ao inventar um repertório próprio, a performer Laurie Anderson parece dominar facilmente os recursos tecnológicos criando formas inéditas. Em seu processo criativo, Laurie Anderson “escorrega entre as disciplinas, criando bordas sem marcas ao cruzá-las frequentemente” (GOLDBERG, 2000: 12). Em *Delusion*, assiste-se a esta quebra de limites, em que o entrelaçamento entre voz e tecnologia determina o surgimento de uma



manifestação artística que desafia as categorias tradicionais e que, mesmo sendo comumente definida como performance multimídia, não se deixa totalmente classificar.

Referências:

- ANDERSON, Laurie. *Delusion*. Performance. XXVIII Festival de Outono em Primavera. Madrid: Teatros del Canal, 01 jun. 2011.
- ANDERSON, Laurie. *Delusion Live*. Thinking of You. Holland Festival. June 12, 2011. Vídeo. Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=0xwgdCiVs8> >. Acesso em: 13 jan. 2014.
- ANDERSON, Laurie. *O Superman*: Laurie Anderson – as displayed in the MoMA, New York. Vídeo. Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=-VIqA3i2zQw&feature=kp> >. Acesso em: 15 jan. 2014.
- ANDERSON, Laurie. *This Week in BAM History*: Laurie Anderson's United States. February 3, 2012. Disponível em: < <http://bam150years.blogspot.com.br/2012/02/this-week-in-bam-history-laurie.html> >. Acesso em: 18 jan. 2014.
- BÖHME, Gernot. Die Stimme im Leiblichen Raum. In: KOLESCH, Doris; PINTO, Vito; SCHRÖDL, Jenny (Hg.). *Stimm-Welten*: Philosophische, medientheoretische und ästhetische Perspektiven. Bielefeld: Transcript, 2009. p. 23-32.
- CUMMINGS, Scott. United States: Parts I-IV by Laurie Anderson. In: *Theatre Journal*, v. 36, n. 2, The Margins of Performance, p. 249-252, May 1984. Disponível em: < <http://www.jstor.org/stable/3206999> >. Acesso em: 15 jun. 2012.
- DUCKWORTH, William. *Talking Music*: conversations with John Cage, Philip Glass, Laurie Anderson, and five generations of American experimental composers. New York: Da Capo Press, 1999.
- GOLDBERG, Roselee. *Laurie Anderson*. New York: Abrams, 2000.
- KOLESCH, Doris. Die Spur der Stimme. Überlegungen zu einer performativen Ästhetik. In: EPPING-JÄGER, Cornelia; LINZ, Erika. (Hg.). *Medien / Stimmen*. Köln: Dumont, 2003. p. 267-281.
- KOLESCH, Doris; PINTO, Vito; SCHRÖDL, Jenny. (Hg.) *Stimm-Welten*: Philosophische, medientheoretische und ästhetische Perspektiven. Bielefeld: Transcript, 2009.
- SWED, Mark. Performance review: Laurie Anderson's 'Delusion'. In: *Los Angeles Times Culture Monster*. October 20, 2010. Disponível em: < <http://latimesblogs.latimes.com/culturemonster/2010/10/laurie-andersons-delusion.html> >. Acesso em: 18 jan. 2014.
- ZURBRUGG, Nicholas (Ed.). *Art, Performance, Media*: 31 Interviews. Minneapolis: University of Minnesota, 2004.